



## **A 'PROVA' DE LÍNGUA PORTUGUESA: CURRÍCULO, AVALIAÇÃO & DESAFIOS.**

Ivan do Nascimento Freire Lopes

*Centro Universitário Leão Sampaio – ivannascimento@leaosampaio.edu.br*

**Resumo:** Este trabalho traz um resumo de conceitos entre currículo e avaliação. Além disso, algumas reflexões sobre o ensino de língua portuguesa em dois níveis de ensino: básico e superior. Não é um começo nem um fim e sim um meio de refletir como poderia ser a formação do professor em níveis pedagógicos básicos como a formação didática, e, especialmente a noção de formação de currículo e avaliação. É o professor o mediador de conhecimento e de ensino, além do domínio da formação de outras pessoas e, conseqüentemente o termômetro entre o que se aprende e não se aprende. Este trabalho é analítico, qualitativo, bibliográfico, fundamentado na busca dos seguintes objetivos de pesquisa: (a) compreender o contexto de currículo e avaliação, (b) analisar a eleição curricular da prova escrita de língua portuguesa, campo de atuação do autor do trabalho e (c) avaliar experiências e práticas pedagógicas aplicadas.

**Palavras-chave:** currículo, avaliação escrita, avaliação de língua portuguesa.

### **INTRODUÇÃO**

O currículo pode ser analisado a partir de cinco âmbitos formalmente diferenciados: a) O ponto de vista sobre a função social como ponte entre a sociedade e a escola; b) projeto ou plano educativo, pretense ou real, composto de diferentes aspectos, experiências, conteúdos; c) A expressão formal e material desse projeto que deve apresentar, sob determinado formato, seus conteúdos, suas orientações e suas sequencias para abordá-lo; d) Referem-se ao currículo os que entendem como um campo prático. Entendê-lo assim supõe a possibilidade de d.1) analisar os processos instrutivos e a realidade da prática de uma perspectiva que lhes dota de conteúdo; d.2) estudar como território de intersecção de práticas que não se referem apenas aos processos do tipo pedagógico, interações e comunicações educativas; d.3) sustentar o discurso sobre a interação entre a teoria e a prática em educação; e) referem-se a ele os que exercem um tipo de atividade discursiva e acadêmica e pesquisadora sobre todos esses temas. SACRISTÁN & GOMEZ (2002, p. 14).

Propõe-se em síntese, qualquer temática abordada encontra relação de interdependência com o currículo, em tema pelo qual se entrecruzam muitos outros temas, em implicações diversas que



configuram a realidade escolar. 1-Currículo é expressão de força socializadora da escola; 2-Instrumento que cria uma gama de usos, importante chamá-lo de prática pedagógica; 3-É relacionado estreitamente à prática profissional docente; 4-Há componentes entrecruzados de maneira diversa, tais como: determinações pedagógicas, políticas, práticas administrativas, produtivas de diversos materiais, de controle sobre o sistema escolar, de inovação pedagógica, etc. 5-É ponto central de referência na qualidade do ensino, na mudança das condições de prática, no aperfeiçoamento dos professores, na renovação da instituição escolar em geral e nos projetos de inovação dos centros escolares.

Pensar norteado nesse contexto é partir realmente para um grupo de questionamentos seguindo a mesma orientação deles. O currículo é ponte entre sociedade e escola. Infelizmente em muitas escolas não há autonomia para elaboração de currículo escolar e fortalecendo este argumento a sociedade contemporânea tem mudado rapidamente enquanto que escolas ainda permanecem fora desta realidade, especialmente no Brasil. Várias instituições mudaram, mas as escolas, em sua maioria, continuam ultrapassadas e alunos pedem renovação: tanto pedagógica, quanto estrutural.

Após as indagações feitas pelos autores sobre currículo e avaliação, pretendemos com este trabalho apresentar avaliação, currículo e análise do currículo da prova escrita.

O MÉTODO aplicado neste estudo é analítico, qualitativo, bibliográfico, fundamentado na busca dos seguintes OBJETIVOS de pesquisa: (a) compreender o contexto de currículo e avaliação, (b) analisar a eleição curricular da prova escrita de língua portuguesa, campo de atuação do autor do trabalho e (c) avaliar experiências e práticas pedagógicas aplicadas.

A JUSTIFICATIVA é a importante reflexão de todo professor em relação à sua prática pedagógica quando se utiliza da avaliação escrita. Ela é considerada em senso comum como a mais importante em toda a cultura de avaliação – mas não tanto válida, conforme estudiosos apontam, em certos momentos. Certamente a avaliação escrita não expressa integralmente aprendizado concreto por “n” fatores. Para isso a reflexão realizada neste estudo, como justificativa ímpar do próprio método: observar a prática, interagir com o meio, documentar e expor aos pares científicos reflexões sobre a “prova escrita”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Otimizar espaços significativos de aprendizagem consiste em ampliar, para alunos e professores, oportunidades de interação com objetos de conhecimento, diversificando as atividades, os portadores de textos referentes [...], e desenvolvendo-as [...] de forma gradativa e complementar. [...] Os



Quando pensamos neste trabalho focamos o seguinte tema **O CURRÍCULO DA PROVA ESCRITA**. Para tanto, fez-se necessário entender recortes de dois conceitos: o que é currículo e o que é avaliação (prova), especificamente a prova escrita. É pertinente em nossa prática de ensino superior e básico uma angústia comum a vários colegas professores: COMO selecionar os conteúdos curriculares para a aplicação da prova escrita.

Durante a avaliação HAYDT (2002 p. 08), TYLER (1974 p.100), ESTEVES (1973, p.15), SCRIVEN & STUFFLEBEAM (1978 p. 50-53;127), observa-se do professor na eleição ou escolha de currículo necessário SACRISTÁN & GOMEZ (2002, p. 14), para aplicabilidade da avaliação escrita. Questiona-se por exemplo: (a) Como o professor elege o currículo da prova? (b) Ele abrange conteúdo? Habilidade? Competência? (c) Que conteúdos, no nível do conhecimento o professor elege? (d) Que habilidades gerais e/ou específicas ele escolhe? (e) Fundamenta-se em que tipo de disciplina? Língua Portuguesa? Literaturas? Leitura? Gramática? Produção de Texto? Percebe-se aqui uma gama curricular intensa em que boa parte dos docentes (em especial a prática do ensino básico) utilizar o “quadrado” de currículo: separar por matérias. Vamos começar pelo ensino básico. O recorte será a matéria de LÍNGUA PORTUGUESA. Dentro desta matéria, temos vários subtemas para serem investigados. Sequenciando temos o seguinte foco, de acordo com o quadro:

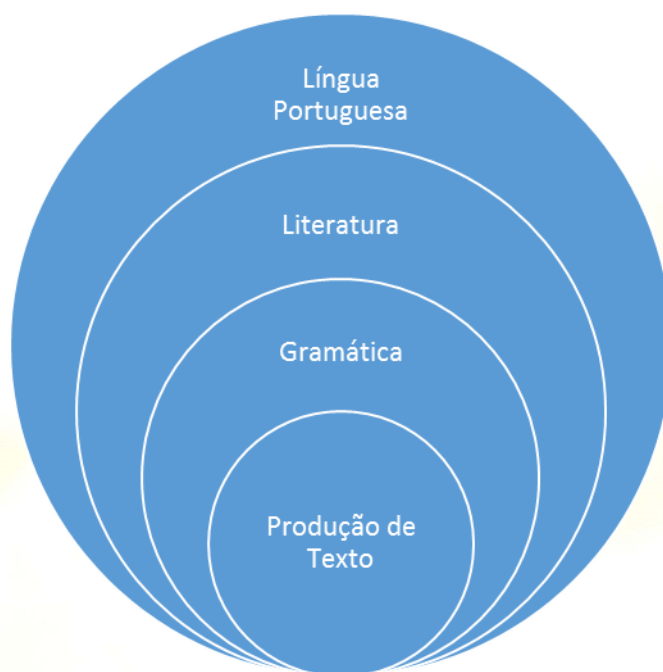


Figura 01 – Esfera de Seleção do Currículo de Língua Portuguesa – Ensino Fundamental e Médio



Para cada eixo curricular da figura 01, há maneiras diversas de se avaliar com prova escrita. Tomemos de baixo para cima: Produção de texto – avaliação de proficiência de compreensão de texto e domínio da norma culta da língua – produto final para avaliação: o texto escrito e um paradigma de texto para seguir como padrão de comparação. Gramática: domínio das regras, domínio normativo das regras da gramática. Literatura: leitura e compreensão de conceitos históricos e linguísticos e principalmente da função da literatura enquanto registro histórico e textual de determinados períodos da literatura. E para finalizar: Língua Portuguesa: que não é exclusivamente do Brasil, mas de tantos outros países de colonização lusófona. Como então elaborar uma prova escrita, já que é necessário que esta prova tenha um currículo mínimo, que determine a proficiência de aprendizagem do aluno? Quantas questões? Que tipo de questões? Quanto tempo para fazer, responder, resolver? Quais habilidades devo trabalhar para a prova escrita, com ênfase na aprendizagem do aluno? Trabalho habilidades ou conteúdos? Tenho tempo durante o processo de ensino para realizar outros instrumentos de “medida” que norteiem a eficiência do ensino e conseqüentemente a melhor aprendizagem em sala de aula?

O currículo é ponto central de referência na qualidade do ensino, na mudança das condições de prática, no aperfeiçoamento dos professores, na renovação da instituição escolar em geral e nos projetos de inovação dos centros escolares. SACRISTÁN & GOMEZ (2002, p. 14). Para então responder a tantos questionamentos, reforçamos agora, não mais o ensino básico de língua portuguesa como exemplo, mas uma disciplina do ensino superior, onde também atuamos. Vejamos. Curso de bacharelado em Biomedicina, disciplina (ou cadeira) de leitura, produção e interpretação de textos, para facilitar usamos a sigla LPI TEXTOS:

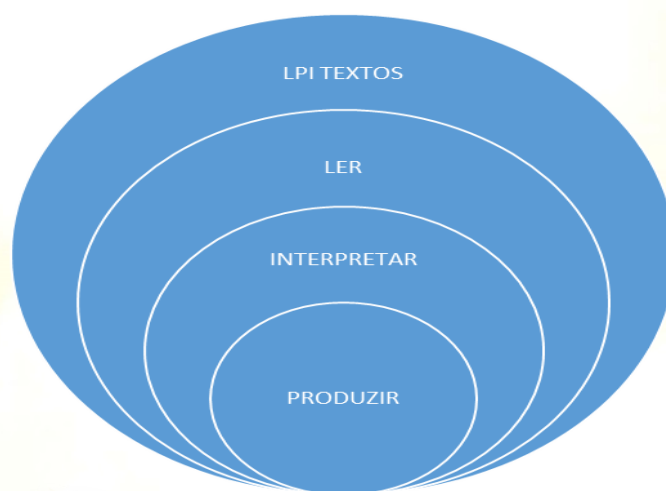




Figura 02 – Esfera de Seleção do Currículo de Língua Portuguesa – Biomedicina

Esta disciplina que dura em média quatro meses com semestre letivo de 40 horas aulas, tem os seguintes objetivos:

1. Observar as diferentes formas textuais inseridas no âmbito de sua formação acadêmica aliada à diversidade de produção de texto, leitura e compreensão.
2. Identificar os níveis de compreensão, análise e escrita de textos inerentes à profissão de Biomédico.
3. Reconhecer a importância da leitura, interpretação e/ou análise de textos e escrita (produção) dos mais diversos textos – tanto no âmbito acadêmico científico quanto profissional.
4. Interpretar o mundo da leitura em âmbito geral e específico dentro de sua carreira.
5. Avaliar a própria produção gramatical (norma, ortografia e acentuação), a produção textual (o gênero textual) e a produção discursiva (intencionalidade do texto), como resultado de evolução no processo de ensino e aprendizagem.

Como ferramenta de avaliação existe outra realidade: a maturidade dos estudantes. Agora se trata do ensino superior. São cinco objetivos a serem atingidos, com foco especificamente na área de atuação do biomédico. Não menosprezando nível básico e superior – ambos ensinam a área de Linguagens, ambos exigem do aluno leitura e reflexão, ambos exigem do professor elaboração de instrumentos de avaliação contínuo, progressivo, mas ambos também identificam que:

- a) Muitos alunos do ensino básico não têm maturidade para trabalhar sozinhos, resolver os próprios problemas tendo o professor como facilitador e não como reprodutor (repetidor) de um currículo, transformando-os em repetidores também, passivos.
- b) Muitos alunos do ensino superior dispõem de má formação básica, alterando os objetivos do ensino superior, neste caso, causando um pequeno avanço-retrocesso durante o processo de ensino, ou seja, o que estava planejado e selecionado, deve ser mudado.
- c) O professor é o verdadeiro mediador entre avaliação de diagnóstico no começo, intervenção no meio, efetivação no fim, do processo ensino e aprendizagem.

Para este último, recai a maior responsabilidade, pois, o professor não pode ser simplesmente passivo neste processo. É a figura docente a mais crítica, ativa e reflexiva neste processo de ensino e aprendizagem, principalmente quando temos a tríade: ensino-avaliação-devolutiva (positiva ou não em referência aos objetivos/habilidades a serem desenvolvidas durante o curso/os cursos).



Se há deficiência no processo de ensino, visualizaremos agora onde o professor está inserido:



Figura 03 – Perfil do Professor

Percebe-se o óbvio: quão complexa é a formação da sociedade, do currículo, do professor e conseqüentemente do aluno. A pirâmide invertida trás as palavras CULTURA, FORMAÇÃO, DOCENTE. O professor tem sua cultura de formação profissional que revela-se repetidas vezes também como um aluno “mais amadurecido”. Na fala de Hoffman (2001) “Os estudantes constroem saberes e valores a partir de um conjunto de experiências vividas.”

Mesmo com o óbvio em mãos, questiona-se: Este “mais amadurecido”, o professor, tem como obrigação profissional, em quaisquer âmbitos mais formação didática, curricular e avaliativa. O professor é mediador de conhecimento e de ensino, além do domínio da formação de outras pessoas. No contexto onde se insere o docente há uma gama de informações, conhecimentos, práticas e teorias que facilitam o ensino-aprendizagem e essas relações entre professor e estudo, professor e aluno e professor e sociedade, não podem se apáticas e muito menos passivas.

Se a avaliação é um: (a) Processo contínuo e sistemático – não pode ser esporádica, improvisada – deve ser constante e planejada. Deve fazer parte de um sistema de ensino e aprendizagem nela se integrando, (b) Funcional – realiza-se em função de objetivos. Os objetivos são os elementos norteadores da avaliação, (c) Orientadora – Para Mediano (p.31) “a avaliação não visa eliminar os alunos, mas orientar seu processo de aprendizagem para que possam atingir seus objetivos previstos”. Ela deve permitir aos alunos (e professores) que conheçam seus erros e acertos, auxiliando-os a fixar as respostas corretas e a corrigir as falhas. Por fim: (d) Integral – deve analisar e julgar todas as dimensões do comportamento, considerando o aluno como um todo.



Incide não apenas sobre os elementos cognitivos, mas também sobre o aspecto afetivo e o domínio psicomotor.

E o currículo: (a) Deve ser uma prática sustentada pela reflexão enquanto práxis, mais do que ser entendida como um plano que é preciso cumprir, pois se constrói através de uma interação entre o refletir e o atuar, dentro de um processo circular que compreende o planejamento, a ação e a avaliação, tudo integrado por uma espiral de pesquisa-ação. (b) Uma vez que a práxis tem lugar num mundo real e não em outro, hipotético, o processo de construção do currículo não deveria separar do processo de realização nas condições concretas dentro das quais se desenvolve. (c) A práxis opera num mundo de interações, que é o mundo social e cultural, significando, com isso, que não pode se referir de forma exclusiva a problemas de aprendizagem, já que se trata de um ato social, o que leva a ver o ambiente de aprendizagem como algo social, entendendo a interação entre o ensino e a aprendizagem dentro de determinadas condições. (d) O mundo das práxis é um mundo construído, não natural. Assim, o conteúdo do currículo é uma construção social. Através da aprendizagem do currículo, os alunos se convertem em ativos participantes da elaboração de seu próprio saber, o que deve obrigá-los a refletir sobre o conhecimento, incluindo o do professor. (e) Do princípio anterior se deduz que a práxis assume o processo de criação de significado como construção social, não carente de conflitos, pois se descobre que esse significado acaba sendo imposto pelo que tem mais poder para controlar o currículo.

Com tudo isso exposto acima, muito se tem falado sobre a produção da prova escrita, suas dificuldades em selecionar conteúdo específico, tempo para realização – principalmente em provas calendarizadas como bimestrais, semanais, de etapas com as AV1 e AV2 (avaliação 1 e 2) muito praticadas no ensino superior do Brasil. Percebe-se que, especialmente, no ensino superior existe uma resistência muito forte ainda pela prova formal escrita – ao mesmo tempo que vários professores utilizam de outros métodos de prova escrita: portfólio, redações, resenhas, resumos, ensaios, *papers*, questionários etc. A temida culturalmente “prova” ainda assombra vários estudantes de cursos básicos e superiores.

Na nossa reflexão, repetindo, vivenciando e compartilhando nossa prática docente, percebemos que o foco – as aprendizagens – as inteligências múltiplas – ainda são deixadas de lado, como se a “prova” fosse algo final, acabado, processo concluído, uma espécie de “*game over*” e que na verdade não é. Selecionar um plano de curso com estratégias de aproximar a prática profissional com a escolar é uma das razões que percebemos especificamente para o ensino superior.



Já para o ensino básico refletimos o motivo de estar na escola, de estudar, porquê? E para quê? Uma das habilidades da escola é o mercado de trabalho, portanto muitos alunos questionam: - Por que tenho que estudar isso? Quando há ressignificação de conteúdo, de currículo

A Prova escrita (avaliação e currículo) deverá ser resultado de trabalho docente e discente, planejado, aplicado e seguido – independentemente de contratempos e acima de tudo processo de ensino-aprendizagem de ambos (professor e aluno). Formalmente escrita, com itens diversificados, que explorem realmente as inteligências do aprendiz, utilizando-se de muitos recortes de conteúdo, currículo e avaliação devem andar juntos, assim como professores e estudantes.

A prova escrita atualmente é ferramenta exigida em muitas escolas e faculdades. Pedagogicamente é o instrumento de medição, classificação – menos de aprendizado. Na nossa experiência, ao estudar currículo e avaliação, percebemos que nossa realidade está pautada em decisões que privilegiam o quantitativo/classificatório em vez do qualitativo/promovedor. A grande parte dos professores em seus momentos de planejamento pedagógico não fazem realmente deste tempo pedagógico um tempo de repensar metodologias de ensino e avaliação, mediante os resultados colhidos nas avaliações.

Trata-se de um tempo em que se comenta toda a vida escolar – menos a pedagógica. Fato é que no Brasil, em alguns locais, não são todos, o ato de planejamento do ponto de vista da prova escrita – sem fugir do foco deste trabalho, não existe – é algo individual entre professor e prova.

Existe também o hábito de banco de questões em relação a alguns tipos de conteúdo. Poucas vezes por conta do pouco tempo o professor estuda COMO fazer a prova escrita. Que estratégias intelectuais do aluno eu posso apurar com este instrumento? Não trata-se apenas de culpar o professor pelo sistema político e econômico onde está inserido, mas também, de culpar estruturas gestoras, como governos e ministérios que também agem de forma quantitativa, como máquinas que despejam profissionais mal formados no mercado.

A diversidade de currículo, de formação, de professores, de alunos, nos coloca a refletir sobre o verdadeiro papel da educação para o novo milênio: formar pessoas, sim. Mas que tipo de pessoas? Para além de conteúdos formais, disciplinas, cátedras universitárias, especialistas, podemos incluir também nesta prova escrita – a formação humana, subjetiva, também escassa nesse processo que na maioria das vezes não se faz em parceria, mas em conflito: professor x aluno.

São pessoas no século XXI, estudando conteúdo do século XX numa escola aparentemente com a cultura do século XIX. Temos várias demandas novas de mercado profissional como formação do trânsito, formação financeira, gestão de pessoas e de projetos, entre tantos outros que





curricularmente ainda não estão inseridas no dia a dia das nossas escolas. Escolas estas que estão aquém da realidade atual.

A prova escrita e toda a sua confecção, nasce no dia a dia das aulas, das indagações dos alunos, das maiores facilidades e dificuldades de ensino e de aprendizagem. Ela pode ser realizada em todo momento, sem nenhum tipo de contexto financeiro como “vai valer nota?” ou “vale ponto na média?” ou “é *pra* fazer agora ou pode fazer em casa, vale ponto se fizer aqui?” Também deve ser instrumento de comprovação – e não atestado definitivo – de um momento, não de todo o momento, seja semestre ou período letivo. O professor deve utilizar as mais diversas ferramentas explorando as inteligências dos alunos já que se aprende de várias formas: teatro, música, filme, cópia, questionário, seminários etc., ferramentas que exploram de maneira holística o aluno e, automaticamente o faz participante do próprio aprender.

Se o currículo é a expressão de um mundo rápido, moderno e dinâmico, a avaliação deve ser um pouco dessa prática, que, embora rápida, deva ser reflexiva, contemporânea, e ao mesmo tempo emancipatória. Avaliar é acima de tudo aprender a avaliar com justiça certos parâmetros do que se ensina, numa multiplicidade que seja integradora, fortalecedora da aprendizagem.

Se avaliar é medir, reprovar, aprovar, ou outro termo – avaliar é acima de tudo preparar. Preparar o aluno, preparar professor, preparar educação de qualidade com o que se tem de paradigma educacional e melhor ainda, alterando esses paradigmas. Repetir e questionar a realidade do mundo dentro da escola fazendo que ela seja amada e, realmente contextualizada. Uma escola além muros.

Como então elaborar uma prova escrita, já que é necessário que esta prova tenha um currículo mínimo, que determine a proficiência de aprendizagem do aluno? Quantas questões? Que tipo de questões? Quanto tempo para fazer, responder, resolver? Qual habilidade deve trabalhar para a prova escrita, com ênfase na aprendizagem do aluno? Trabalho habilidades ou conteúdo? Tenho tempo durante o processo de ensino para realizar outros instrumentos de “medida” que norteiem a eficiência do ensino e conseqüentemente a melhor aprendizagem em sala de aula?

Depois de vermos várias acepções de avaliação, partimos agora para alguns conceitos e indagações sobre currículo. Portanto avaliação e currículo fazem parte da nossa cultura e como pensamos, continuamos a questionar: - Que currículo podemos ter nas nossas avaliações?

A educação de uma maneira geral é um processo constituinte da experiência humana, por isso se faz presente em toda e qualquer sociedade. A escolarização, em específico, é um dos recortes do processo educativo mais amplo.



Durante toda a nossa vida, realizamos aprendizagens de naturezas mais diferentes. Nesse processo, marcado pela interação contínua entre o ser humano e o meio, no contexto das relações sociais, é que construímos nosso conhecimento, valores, representações e identidades. Sendo assim, tanto o desenvolvimento biológico, quanto o domínio das práticas culturais existentes no nosso meio são imprescindíveis para a realização do acontecer humano.

Este último enquanto uma experiência que atravessa toda a sociedade e toda a cultura, não se caracteriza somente pela unidade do gênero humano, mas, sobretudo pela riqueza da diversidade.

Os currículos e práticas escolares que incorporam essa visão de educação tendem a ficar mais próximos do trato positivo da diversidade humana, cultural e social, pois a experiência da diversidade faz parte dos processos de socialização, de humanização e desumanização.

A diversidade é um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade. Ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem. Todavia, há uma tensão nesse processo.

Por mais que a diversidade seja um elemento constitutivo do processo de humanização, há uma tendência nas culturas, de um modo geral, de ressaltar como positivos e melhores os valores que lhe são próprios, gerando certo estranhamento e, até mesmo, uma rejeição em relação ao diferente.

Porter y Smithson (2001) com motivo de estabelecer indicadores para avaliar o currículo distinguem entre:

- a) Currículo experimentado – currículo descrito nos documentos oficiais das administrações educativas, tendo como marcos curriculares linhas orientadoras que se apresentem aos professores para desenvolvimento em sala de aula.
- b) Currículo realizado – conteúdos curriculares que os alunos trabalham em sala de aula.
- c) Currículo avaliado – instrumentos e conteúdos presentes na avaliação.
- d) Currículo aprendido – conhecimento que os estudantes adquiram que vão mais além do currículo avaliado.

Ainda podemos apresentar o Currículo Nulo (EISNER, 1979) - que são conjunto de habilidades, conteúdos, aprendizagens que não estão presentes ou não estão de maneira suficiente nos conteúdos descritos, de forma intencional ou não, no processo de ensino e aprendizagem.

Uma teoria curricular não pode ser indiferente às complexas determinações de que é objeto a prática pedagógica, nem ao papel que desempenham nisso os processos que determinam a



concretização do currículo nas condições da prática, porque esse currículo, antes de ser um objeto idealizado por qualquer teorização, se constitui em todo de problemas reais que se dão nas escolas, que os professores tem que afetam os alunos e a sociedade em geral.

### **CONCLUSÕES**

Foram essas perguntas feitas e que, em tempo algumas tem suas respostas muito simples ou complexas. O bom senso ainda está no professor que tem as ferramentas, tem os estudos, tem suas deficiências também, mas nunca deve se calar, diante de tantos questionamentos. O ensino pode ser macro, quando pensamos em educação. Micro, quando estamos em sala de aula, seja em que nível for, da mais tenra idade aos mais altos níveis de pós-graduação. Professor sempre será professor, prova escrita sempre será prova escrita, currículo sempre será currículo e estudantes – seremos sempre, professores e alunos, na busca incansável da melhor mudança de paradigmas. Sem ser passivo, sem ser covarde, buscando sempre as melhores perguntas e melhores repostas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BLOOM, Benjamim S.; HASTINGS, Thomas; e MADDAUS, George. *Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar*. São Paulo: Pioneira, 1983.

ESTEVES, Oyara Petersen. *Testes, medidas e avaliação*. Rio de Janeiro: Arte e Indústria, 1973.

GOMES, Nilma Lino. *Indagações sobre currículo: diversidade e currículo*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

GRUNDY (1987, p. 114 e ss), in SACRISTAN. *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*. São Paulo: Artmed 3ed, 2002.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. *Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2002.

HOFFMANN, J. M. L. *Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 1991.

\_\_\_\_\_. *Avaliação: Mito & Desafio*. Ed. Mediação, Porto Alegre, 1997.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições*, 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002

\_\_\_\_\_. Cipriano C. *Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática*. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

\_\_\_\_\_. C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para promover. As setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MEDIANO, Zélia Domingues. *Módulos instrucionais para medidas e avaliação em educação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PORTER y SMITHSON (2001) in: SACRISTAN y GOMEZ. *Compreender e transformar o ensino*. São Paulo: Artmed 4ed, 2002.

SACRISTAN. J. Gimeno y GOMEZ. A. I. Perez. *Compreender e transformar o ensino*. São Paulo: Artmed 4ed, 2002.

SACRISTAN. J. Gimeno *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*. São Paulo: Artmed 3ed, 2002.

SCRIVEN, Michel e STUFFLEBEAM, Daniel. *Avaliação Educacional II: perspectivas, procedimentos e alternativas*. Petrópolis: Vozes, 1978.

TYLER, Ralph W. *Princípios Básicos de currículo e ensino*. Porto Alegre: Globo, 1974.